

# Investigação científica

**Se a investigação científica está a evoluir tanto em Portugal por que é que os cérebros continuam a emigrar?**



**Luís Moniz Pereira,**  
60 anos, director do Centro de Inteligência Artificial da Universidade Nova de Lisboa

O país tem promovido a formação de investigadores a um ritmo importante, de quase mil novas bolsas de doutoramento por ano, muitas delas no estrangeiro. Por outro lado, quase metade dos investigadores portugueses (45%) que trabalha no estrangeiro afirma que, a médio prazo, não tenciona voltar a Portugal devido à falta de oportunidades de emprego e de progressão na carreira, revela um estudo recente do Instituto de Ciências Sociais (ICS), pela socióloga Ana Delicado. Envolveu 521 estudantes de doutoramento e investigadores doutorados em actividade no estrangeiro. A intenção de não regressar baseia-se ainda na “dificuldade em realizar investigação de qualidade no nosso país, no desejo de prolongar a experiência de trabalho científico no país onde estão, na falta de autonomia para desenvolver investigação em Portugal e de transparência dos processos de recrutamento.

Certamente o nosso sistema científico está a melhorar, com novas oportunidades de emprego (contratos de inves-

tigador a cinco anos, assinados este ano pela primeira vez) e mais oportunidades de financiamento para os centros de investigação. A sua qualidade tem vindo a aumentar, estando a fazer-se a sua reestruturação e “clusterização”, com painéis internacionais de avaliadores. Foi carregado o botão de *reset* também nas universidades e politécnicos, em vias de reestruturação completa, obrigados a passar do paquidérmico e pantanoso “de baixo para cima” para o mais racional e leve “de cima para baixo”.

## **A resistência dos instalados**

Só que tudo isso demora de mais, porque encontra a resistência dos instalados, beneficiários da má gestão e da falta de transparência, que tudo igualizam e impedem de premiar ou penalizar. Os incentivos à aposentação antecipada serão muito positivos, se incentivarem a retenção da colaboração dos jubilados de valor, e só desses. Mas diferenciar pelo valor é coisa a que o ensino superior tem fobia.

Às empresas competirá promover e contratar o produto humano doutorado do ensino superior, não encarar os centros de investigação simplesmente como baratos laboratórios nas traseiras.